

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes – Campus São Paulo

Hélen Priscila Silva de Sousa

DEDICATÓRIA AOS MESTRES:

Um tributo aos meus professores

São Paulo

2025

Hélen Priscila Silva de Sousa

DEDICATÓRIA AOS MESTRES:

Um tributo aos meus professores

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Instituto de Artes Universidade Estadual Paulista (Unesp), como requisito para obtenção do Bacharelado em Música com Habilitação em Regência Orquestral. Orientador: Prof. Dr. Lutero Rodrigues

São Paulo

2025

Ficha catalográfica desenvolvida pela Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

S725d Sousa, Hélen Priscila Silva de, 2000-
Dedicatória aos mestres : um tributo aos meus professores / Hélen Priscila Silva de Sousa. – São Paulo, 2025.
18 f.

Nome artístico da autora: Hélen Silva.
Orientador: Prof. Dr. Lutero Rodrigues da Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Música) –
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo.

1. Regência (Música). 2. Música - Execução. 3. Coros (Música) 4. Orquestras. I. Rodrigues, Lutero. II. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo. III. Título.

CDD 781.45

Bibliotecária responsável: Luciana Corts Mendes - CRB/8 10531

Hélen Priscila Silva de Sousa

DEDICATÓRIA AOS MESTRES:

Um tributo aos meus professores

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Instituto de Artes Universidade Estadual Paulista (Unesp), como requisito para obtenção do Bacharelado em Música com Habilitação em Regência Orquestral.

Trabalho apresentado em 04/12/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lutero Rodrigues da Silva

UNESP – Orientador

Prof. Dr. Abel Luís Bernardo Rocha

UNESP

Resumo

O presente trabalho é um relato de experiência sobre o meu projeto de performance visando montar um coro e uma orquestra e apresentar no final do ano para um público. As dificuldades enfrentadas para organizar e claro contar a o convívio para os com os músicos e lidar com a realidade do trabalho de um regente. Como lidar com a direção musical de um projeto e todos o trâmites até chegar no resultado final, a performance. Como fazer gestão de pessoas e lidar com conflitos entre os membros para gerar soluções que vise um melhor convívio entre todos e fazer um ótimo trabalho. Desde a escolha do repertório até os meios burocráticos para serem resolvidos e fazer com que tudo fosse resolvido com o máximo de antecedência, antes de chegar no resultado final, até mesmo lidar com questões psicológicas para que fosse de fato o mais sincero e verdadeiro possível a entrega no palco diante de todos os músicos à frente. Como lidar com todos os desafios impostos a mim como regente e diretora musical.

Palavras-chave: direção musical; performance; repertório; regência coral; regência orquestral.

Abstract

This work is an experience report on my performance project, which aims to form a choir and an orchestra and present them to an audience at the end of the year. The difficulties faced in organizing and, of course, sharing the relationship with the musicians and dealing with the reality of a conductor's work. How to deal with the musical direction of a project and all the procedures until reaching the final result, the performance. How to manage people and deal with conflicts between members to generate solutions that aim for better coexistence among everyone and to do a great job. From choosing the repertoire to the bureaucratic means to be resolved and making sure everything was resolved as far in advance as possible, before reaching the final result, even dealing with psychological issues so that the delivery on stage would be as sincere and truthful as possible in front of all the musicians. How to deal with all the challenges imposed on me as a conductor and musical director.

Keywords: musical direction, performance, repertoire, choral conducting, orchestral conducting.

Sumário

1	<i>Introdução</i>	8
2	<i>Repertório</i>	9
2.1	<i>Salve Regina</i>	10
2.2	<i>Serenata para Cordas – Tempo di valse – A. Dvorák</i>	11
2.3	<i>Missa Brevis Sancti Joannis de Deo (Hob XXII) – J. Haydn</i>	12
2.4	<i>Gloria A. Vivaldi – Et in terra pax (bis)</i>	13
3	<i>Ensaios</i>	15
4	<i>Performance</i>	17
	<i>Referências</i>	18
	<i>Bibliografia Consultada</i>	19

1 Introdução

O que fazer em um TCC? Qual tema escolher para um projeto? Erroneamente, todo aluno de graduação, prestes a se formar, pensa que o projeto de conclusão de curso é o trabalho de uma vida que definirá seu destino no mundo à fora após a formatura, seja na sua profissão ou no mercado de trabalho. Mas, sabemos que isso não é uma verdade absoluta e claro que todo aluno já se deparou com essas perguntas além da pergunta “será que este projeto é bom?”

Foram perguntas que eu pensei e tive que enfrentar ao iniciar a jornada de conclusão e tentar responder essas e outras perguntas durante o processo. Às vezes, queremos que o projeto seja um trabalho tão elaborado que ficamos frustrados quando ele se mostra tão desafiador que achamos que não daremos conta e então caímos numa onda de pessimismo até chegar ao ponto de querer desistir dele e jogar todo o projeto feito até aquele ponto no lixo. Aqui vai um conselho: respira e se acalme.

Durante o texto, vou explicar melhor os desafios que tive que enfrentar para montar tudo e as soluções que tive que dar para esses e outros problemas que vieram a aparecer de quando eu achava uma resposta pra uma pergunta, uma direção, apareceram mais dez. E então, o que fazer?

2 Repertório

“Como escolher um repertório para um concerto?”, é uma pergunta que todo regente se faz ou já fez e claro que se segue também da próxima: será que ele é bom? A escolha de um repertório não deveria ser algo tão complicado quase como se fosse uma ciência ou algo a ser pensado milimetricamente ou ‘inspirado’, revelado, concebido filosoficamente e intelectualmente. Logicamente ele é pensado, mas acabam fazendo algo um tanto simples em uma coisa extremamente complexo.

Uma das primeiras coisas que pensei foi em que queria fazer, quais meus gostos e preferências e depois em outros pormenores. Apesar de ter um grande apreço pela música coral eu estava me formando em regência orquestral, então ter uma orquestra seria obrigatório e por que não os dois? Foi esse meu ponto de partida para iniciar a minha busca por peças com orquestra e coro.

Após pensar um pouco na minha escolha, achei que seria coisa demais para o público ter só peças de coro e orquestra, mas não tinha ideia de por onde começar a pensar em algo. Eu já tinha algumas peças na cabeça, mas não sabia o que escolher, como escolher e porque estou escolhendo esta peça e não aquela; conversando com alguns amigos sobre a opinião deles sobre o assunto e suas preferências e qual seria seu repertório percebi algo que estava bem óbvio pra eles, mas não pra mim. Não era a beleza das peças, gosto pessoal ou genialidade do compositor que me atraíram nas ideias deles, mas algo simples: variedade. A variedade é importante num repertório, não diria que é essencial por não haver problema em fazer um concerto só com peças de um único período ou compositor, mas além de ser interessante ela desperta o interesse do ouvinte naquele programa ou como cada peça se conecta e o que cada uma tem a ver com a outra.

A partir disso, tive um norte e decidi buscar variar minhas opções de escolhas para tentar chegar em algo já que tinha duas coisas: a variedade no repertório e a decisão de peças com coral e orquestra, mas como juntar os dois era a questão. Eu poderia pegar peças de coro e de orquestra que fossem de períodos diferentes, no entanto não estava satisfeita com isto por ser apenas um ou outro e eu queria ainda mais opções. Depois de pensar um pouco nas minhas possibilidades cheguei à uma formação que para minha surpresa que se mostrou bem flexível: uma peça para coro *a capella*, uma peça solo para orquestra e uma peça com os dois juntos no final e a variedade seria na época em que cada uma delas foi escrita sendo assim o repertório do meu concerto decidido agora era achar as peças que entravam nesses requisitos.

2.1 Salve Regina

A peça do coral escolhida foi do compositor francês François Poulenc que compôs a peça em 1941 no auge da Segunda Guerra Mundial que encontrei num estudo sobre obras corais de guerra e acabei conhecendo e me afeiçoando a ela por sua sonoridade por mais que não fosse próxima da obra de Poulenc em si e foi amor à primeira escuta, mas não foi minha primeira opção quando estabeleci uma peça para o coral cantar sozinho.

O que me chamou a atenção nela à época do meu estudo, foi sua simplicidade por ser um moteto homofônico e suas cores junto com a harmonia típica do Poulenc que traz um charme a mais numa partitura aparentemente simples e com um texto bem conhecido por ser uma peça sacra cantada em latim. Num determinado momento ela se torna sombria e termina sem um tom definido, sem saber se é maior ou menor a tonalidade da peça o que condiz com a época em que ela foi escrita, um tempo extremamente caótico sem saber do amanhã.

Se não fosse por alguns fatores Salve Regina também não estaria no programa do concerto, pois outra peça estava me ganhando. Mas, infelizmente precisamos tomar certas decisões que exigem sacrifícios dos nossos desejos por mais que queiramos que seja desta forma.

Para me convencer que de fato tinha que ser assim mesmo, tive que ouvir várias vezes a peça com as outras do repertório para saber como seria o resultado de todas las juntas e ver se gostava ou não e para minha grata surpresa o resultado sonoro não poderia ser o mais positivo possível.

A maior dificuldade desta peça com certeza é o equilíbrio das vozes as linhas aparentam ser fáceis separadas, mas quando juntas é aí que a diversão começa. Salve Regina é cheia de saltos, intervalos complicados que entram em atrito com outras vozes, notas de passagem e dinâmicas difíceis de fazer sem cantores bem preparados e experientes. No meu caso, alguns nem eram cantores profissionais com técnica vocal apurada e sólida eram apenas amadores salvo algumas exceções.

Acredito que Poulenc não gostava de tenores e nutria certo apreço por vozes graves, pois nessa peça tenores chegam em um lá bemol e m um sol natural agudo enquanto a dinâmica é pianíssimo no fim da peça. Sopranos cantam também um lá bemol num pianíssimo junto com um sol natural de baixo sem nenhuma preparação ou apoio num acorde suspenso e diante dessa dificuldade eu não saia como conceber esta peça e ter uma ideia dela ou do que e como faria para ensaiar com o coral.

Acabei achando uma pesquisa de um outro aluno sobre Debussy e Ravel que são os compositores que inspiraram muito Poulenc e com a orientação de meu mestre Lutero, fui ouvir as canções dos dois compositores para me ajudar a ter uma ideia do que poderia ser estas obras e me ajudar a pensar no Poulenc, ouvindo as mais famosas apenas uma me chamou a atenção e

me fez criar a ideia do Poulenc na cabeça. As *Trois Chansons* (1914-15) de Maurice Ravel foram as que mais me chamaram a atenção, em especial a primeira chamada “*Nicolette*” que me fez ter ideia da complexidade da peça e sonoridade e as “*Trois beaux oiseaux du Paradis*” (Três belos pássaros do Paraíso) me fez ter noção da obscuridade e como construir uma sonoridade mais taciturna e por fim a “*Ronde*” a manter uma energia mesmo sendo uma obra pesada como Salve Regina. Cada um dos movimentos me ajudou a conceber a ideia da peça e passar isto para o Coral.

2.2 Serenata para Cordas – *Tempo di valse* – A. Dvorák

Enquanto a peça solo do coro havia sido decidida, faltava uma peça só a peça só com orquestra, o que não foi simples de achar já que tive que optar por uma orquestra de cordas para fazer o concerto. Com o tempo de concerto que eu tinha não seria nada fácil decidir uma peça só com orquestra, meu foco era o tempo de preparação e claramente me enganei.

Pensei em fazer a mesma peça havia feito no ano anterior, mas seria muita falta de criatividade e também não poderia ser uma peça atual porque não teria dinheiro para investir nisto e então procurando na internet esbarrei na obra Serenata para Cordas do Tchaikovsky e do Dvorák. Acabei gostando de ambas as peças e a que mais acabou combinando com o repertório foi a peça do Dvorák mais especificamente o segundo movimento nomeado como “Tempo di Valse”, mas minha dúvida maior foi escolher entre o primeiro e o segundo movimento da peça e acabei escolhendo o segundo por pensar ser o mais conhecido de toda peça.

Quando conversei com meu mestre Lutero sobre a escolha da peça depois de tê-la ouvido, para minha surpresa ele me disse que era uma peça difícil para orquestra de cordas e eu claramente não entendia o motivo. Ele havia falado quase que a mesma coisa para mim sobre a peça do Poulenc e depois de estudá-la realmente vi que era mesmo, mas não entendi a razão pela qual ele me falou isso sobre a peça do Dvorák e comecei a pensar que ou eu não sabia escolher repertório, pois só pegava as peças mais difíceis como sugestão, ou só era atraída pelo desafio que elas poderiam me proporcionar.

Ao estudá-la realmente entendi o que meu mestre queria me contar, ela não era difícil tecnicamente para os músicos, mas num todo. As nuances dela, os ‘diálogos’ de cada instrumento com o outro, dinâmicas e direcionalidade da frase em cada trecho da peça, tudo isto me fez perceber o tamanho do problema que me meti. Uma coisa meu professor Abel Rocha

sempre disse, que não deveríamos ter medo das peças, pois assim o estudo se tornava ainda mais fácil para nós regentes e depois percebíamos que na verdade não havia nada a temer.

Após alguns estudos e orientações do meu professor, pensei em como passar minhas ideias para a orquestra e até quantos ensaios levaria para passar tudo isto para eles pois tinha que me programar para esta peça complicada. Minha grande preocupação para com a regência sempre foi a clareza nas informações e nos meus gestos para a orquestra entender minhas ideias e executar tudo o que pediria, como fiz no Poulenc faria com a orquestra nos ensaios para que o Dvorák fosse tocado.

Pode parecer uma música simples, uma valsa sem nenhum segredo, mas pode pegar no pulo o compasso $\frac{3}{4}$ a qual ele foi escrito. Precisa ter muito cuidado com o andamento, pois a orquestra pode tentar puxar para trás em diversos trechos e principalmente ao retorno do tema após o final do desenvolvimento. Minha grande dificuldade foi ter uma ideia de manter o tempo de valsa pois a todo momento ficava muito lento ou muito rápido, tentei sempre deixar muito clara minha regência e sempre perguntei aos músicos se eles estavam entendendo minha regência, porque não somos perfeitos e é sempre bom perguntar aos músicos se está dando pra entender o que queremos dizer. De resto foi uma peça tranquila de ensaiar e não tive maiores problemas.

2.3 Missa Brevis *Sancti Joannis de Deo* (Hob XXII) – J. Haydn

A Missa Brevis do Haydn, também chamada *Kleine Orgelmesse* (pequena missa para órgão), também chamada de Missa *Sancti Joannis de Deo* (São João de Deus), é uma peça para orquestra de cordas, contínuo, coro e soprano solista. A peça foi escrita pelo Haydn em 1775, sob encomenda da Ordem dos Hospitalários (*Barmherzige Brüder*) em Eisentadt onde São João de Deus era seu padroeiro e é a última missa curta escrita pelo compositor.

A peça foi escrita em Si bemol maior e contém as partes de uma missa (*Kyrie, Gloria, Credo Sanctus, Benedictus* e *Agnus Dei*), mas por ser uma missa pequena no mesmo movimento as vozes cantam todos os textos ao mesmo tempo e cada um dos movimentos é curto com um andamento de moderado à rápido em toda a peça, sendo a única exceção destes casos o primeiro movimento, o *Kyrie*, que começa num andamento mais lento. Por mais que toda a missa esteja em si bemol, a única exceção é o penúltimo movimento, o *Benedictus*, que se encontra em mi bemol maior e é aqui que há o solo de soprano e órgão. Há uma particularidade nela que mesmo sendo feito para orquestra de cordas em toda a partitura não tem parte de viola no original.

Existem versões com o instrumento faltante na partitura, mas mesmo assim decidi seguir a original.

Por falar em partitura, decidi seguir de acordo com a parte de coro que eu já tinha em meu acervo pessoal e consegui pegá-las no site gratuito do CPDL, obviamente fazendo um trabalho minucioso de avaliação de todas as partes, tanto as do coro quanto as partes da orquestra.

Meu primeiro contato com esta peça foi no meu primeiro ano de graduação, sob a batuta do meu mestre Prof^o Dr. Fábio Miguel, nunca tinha feito um concerto cantando em um coral na vida apenas com orquestra, pois foi por onde tive meu contato com o meio musical. Em 2022 após sua partida, decidi prestar uma homenagem a ele no meu trabalho para o agradecer por tudo que havia me ensinado e por ter me ouvido e me ajudado em minhas questões pessoais. Foi a primeira peça do repertório que coloquei e decidi não a tirar e a primeira que comecei a ensaiar, também a dediquei ao mestre professor Dr. ^o Achille Picchi que seria o coorientador deste trabalho.

A missa foi a peça que cumpria o requisito orquestra-coro, proposta essa que primordialmente estava em meu planejamento e quase não consegui cumprir pelo fato de que gostaria de colocar mais uma peça, o Dixit Dominus do Handel. Mas por outros fatores, ela acabou não entrando no repertório final e ficou apenas a Missa mesmo.

2.4 Gloria A. Vivaldi – *Et in terra pax* (bis)

Para finalizar o repertório escolhido, decidi colocar um bis para caso a plateia quisesse mais uma peça. Gostaria que fosse uma peça simples e conhecida para todos os cantores, pois as outras peças do repertório já exigiam uma demanda de trabalho extensa. Então, precisava de não apenas uma peça fácil e conhecida, mas que tivesse uma mensagem por trás dela. Uma mensagem de paz, para encerrar o meu concerto mostrando o encerramento de um ciclo, onde em paz e bem feito encerrava minha jornada de formação, mas também dedicá-la aos meus mestres que me ajudaram ao longo desse caminho simbolizando minha despedida da Unesp e homenageando os professores que partiram como os citados acima, Achille e Fábio.

A decisão veio em um dia quando estava a caminho do Instituto de Artes e passei pela gravação do Glória que há muito não ouvia, como um raio atingindo minha cabeça, lembrei imediatamente do segundo movimento o “*Et in terra pax*”. Além de absurdamente bela, ela é de maneira geral muito simples de ser cantada, não exige tanto vocalmente, o texto é fácil e

todos em sua jornada coral já se depararam ou cantaram esta peça. Além é claro, não iria demorar muito para prepará-la.

Não precisei pensar mais nada, a decisão estava tomada e assim meu repertório estava fechado e decidido. Independente da decisão do meu orientador, iria colocá-la ao final para encerrar com chave de ouro essa peça e finalizar o concerto. Decisão essa que meu mestre concordou e afirmou que o que mais precisamos no mundo hoje é paz, seria minha mensagem final para todos antes de dizer adeus.

Os estudos para ela foram um retorno nostálgico as aulas de harmonia com a professora Dra. Yara Caznók, onde aprendia sobre harmonia graduada e baixo contínuo, a música barroca em seu mais puro auge e excelência musical. Foi extremamente emocionante tocar tudo ao piano e me lembrava das aulas de piano e redução do meu mestre Achille, ao ponto de chorar sentada ao piano olhando para as teclas e lembrar de suas palavras sobre dedilhados. Foi a única peça que não precisei pensar em uma performance, pois tudo já estava lá. Foi reaprender tudo de novo. Sabia que não precisaria falar muito para os cantores porque tudo estava na memória deles, era só relembrar pelo fato de todos ali já terem cantado essas peças. E foi assim que encerrei com chave de ouro meu repertório para o TCC.

3 Ensaios

Após o fechamento do repertório, foi correr atrás dos músicos, principalmente dos coralistas. Precisei organizar uma agenda de ensaios para cada uma das peças e saber quantos ensaios no total eu iria precisar até a data do concerto. Com data já fechada e escolhido e a reserva do teatro já feita, era só escolher os cantores. Precisava de 20 a 25 cantores no total, 4 ou 5 em cada naípe. Meu resultado foi 5 sopranos, 5 contraltos, 4 tenores e 5 baixos.

Os cantores escolhidos teriam que ser experientes em Canto, já terem pegado repertório. Mas seria uma missão quase impossível ter esses cantores cantando sem cachê, com um repertório que demanda um certo trabalho e ainda mais numa data extremamente problemática para vários deles. Dezembro não é um mês fácil para ninguém do meio musical. Então decidi fazer um formulário para todos preencherem com perguntas para saber da disponibilidade de todos, pois os ensaios seriam majoritariamente no período noturno, no próprio Instituto de Artes.

Por sorte, todos os que aceitaram chegaram a um consenso de certas datas de segunda e quarta feira. Após isso, cheguei a conversar com o orientador para saber a quantidade de ensaios a serem feitos com o coral para preparar o repertório e chegou-se ao número de 10 ensaios com o coral e 3 ensaios com orquestra. Este número grande para o coral foi por conta da peça do Poulenc, que é uma música muito difícil de cantar e um resultado complicado de se alcançar. Em todos os ensaios com o coral precisaria cantar essa peça, pois iria dar muito trabalho. E a única peça da orquestra que iria ser mais difícil seria a peça do Dvorak, ambas teriam que ter uma atenção especial nos ensaios.

Com o coral fechado, fiz uma planilha para mostrar aos coralistas os dias de ensaios e os horários e a sala onde eles ocorreriam. Enquanto eu ensaiava o coral eu ainda estava atrás da orquestra, pois todos os músicos que eu tentava arranjar não poderiam me atender na data reservada. Foi então que um grande amigo me ajudou e trouxe a orquestra que eu precisava e os músicos que queria para tocar, a Orquestra Sinos Azuis atendeu meu pedido e me salvou de uma catástrofe e decidiu me apoiar. Serei eternamente grata ao diretor musical Webster Silas por ter me atendido.

Com isso resolvido, segui com os ensaios do coral. Estava extremamente nervosa e ansiosa, mas havia ainda uma coisa que não tinha pensado: quem iria aquecer o coral? Por sorte, meu amigo Ivano Fonseca que é um cantor e professor de canto formado também pela mesma instituição, se dispôs a me ajudar. Em alguns ensaios ele aquecia, havia feito um pedido a ele para realizar os vocalises e aquecimentos vocais para o coral e em outros meu amigo Renato Freire, também cantor, assumiu os aquecimentos. Isso foi tão produtivo que foram requisitados

pelos cantores posteriormente para dar aulas de canto ou cantarem juntos. Fiquei surpresa com isto porque conexões foram sendo criadas, algo inesperado para mim.

Durante os ensaios o clima foi leve, até porque grande parte dos cantores eram amigos queridos e que eu conhecia o trabalho deles. Tudo que eu observava nos ensaios com o Madrigal Unesp, coral que trabalhava com meu orientador, colocava em prática com os coralistas do TCC. Isso me deixava mais segura e certa do que eu iria fazer durante os ensaios, tanto na questão técnica quanto de gestão.

Como a peça do Poulenc iria dar mais trabalho, comecei lendo a missa primeiro para todos se conhecerem vocalmente, tonal, nada muito complicado ou exigente vocalmente. Começar com o Poulenc seria “morte vocal” na certa. Então para a gente se conhecer vocalmente, começamos por algo mais fácil. Passamos alguns movimentos, *Kylie* e *Gloria*, depois seguimos para o *Salve Regina*. Pelo fato de a missa ter vários movimentos e decidi dividir os movimentos ao longo dos ensaios para trabalharmos eles e ajeitar possíveis erros e claro a pronúncia do latim. Como o Vivaldi era um tanto fácil deixei para passar nos ensaios próximos aos finais, por volta do 5º ou 6º ensaio. Ao todo tivemos 10 contando os gerais, que foram ao todo 3 incluindo 1 no teatro com todos.

Com a orquestra, os ensaios foram mais fluídos e diretos. Pelo fato de eles tocarem apenas o Dvorak e a missa, com exceção das violas, e o bis. Metade do ensaio foi com o Dvorak, foi complicado no início para pegar o ritmo, queria mais andado e acabou ficando lento e entender a regência. Quando nos encontramos, as coisas fluíram muito bem. A missa, segundo meu orientador, era só passar do início ao fim e não teve tantos problemas. Na música coral a prioridade é o coro e nem sempre a orquestra. E foi melhor do que esperado, claro que quando juntasse os dois evidentemente haviam alguns choques, que de fato ocorreram. E o Vivaldi foi o mais tranquilo de todos, apenas lembrar e pontuar algumas sugestões minhas de performance. Duas vezes do início ao fim foi o suficiente para alinhar as coisas.

Quando juntamos tudo foi de fato trabalhoso na missa, alinhar tudo é bem difícil e se não houver paciência e gestão de seus sentimentos ali na frente, de fato fica todo mundo tenso e você não consegue trabalhar, seus pensamentos precisam ser alinhados com a partitura e manter a calma e respirar fundo são essenciais para acalmar o nervosismo e toda a negatividade. Saber gerar conflitos foi necessário e claro, estar respaldado pelo orientador foi essencial. Tirando tudo isso, os ensaios gerais foram indo bem, com a mente sempre achando que aquilo era um sonho e que não estava acontecendo. Mas, foi real e deu muito trabalho e ao final foi bem executado. Sendo bem organizado, consegui executar muito bem e gerir todo o meu TCC.

4 Performance

No dia 6 de dezembro de 2024, aconteceu o tão aguardado concerto de ‘Dedicatória aos Mestres’. Infelizmente a divulgação foi pífia, o profissional acionado para fazê-lo acabou não fazendo e ainda ameaçou de não o terminar caso cobrasse e o apressasse. Faltando algumas horas para o concerto ser feito, não tinha programação e eu precisei dizê-la a todos no palco. Para um teatro com muitos lugares apenas os meus familiares compareceram pelo fato de ter divulgado a todos eles. Músicos e coralistas não tiveram a arte para divulgação, pois o profissional citado acima havia dito que não faria diferença caso eu divulgasse 2 semanas antes do concerto com ou sem a arte feita. Enfim, como eu precisava e estava com tanta coisa na cabeça e ele era um dos cantores eu acabei deixando passar.

No dia do concerto, eu fiz uma programação de que a partir de determinado horário, o teatro já estaria aberto para fazer a montagem. Após isso feito, as luzes foram passadas e feitas, e pôr fim a passagem de som. Após isso, era só esperar a chegada do público e performar. No meio do concerto, o órgão deu problema e precisou ser arrumado, isso infelizmente foi ao vivo em meio a apresentação, antes de começar a missa. Após a produção arrumar, seguimos normalmente. Ao findar a apresentação, ninguém da plateia pediu bis. Então o Vivaldi acabou se tornando uma peça dentro do repertório mesmo e assim se findou minha apresentação de TCC com aprovação máxima e dos familiares. Portanto, concluo esse trabalho dizendo que foi bom ter contatos, pois quando de fato precisei que alguém fizesse algo para me ajudar, grandes amigos me ajudaram. Apenas o sentimento de gratidão pairou sobre mim em todo o momento durante esse ano de trabalho.

Referências

MARCHETTO, Luiz Fernando Lemos. **Chanson polifônica francesa: um estudo nas obras corais a capella de Claude Debussy e Maurice Ravel**. Orientadora: Dorotéia Machado Kerr. 2004.157 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2004.

Bibliografia Consultada

LAGO, Sylvio. **Arte da Regência: História, Técnica & Maestros**. São Paulo: Algor., 2008.

STORTI, Carlos Alberto. **Introdução a Regência**. Uberlândia: EDUFU., 1987.

ZANDER, Oscar. **Regência Coral**, 2. ed. Porto Alegre: Movimento., 1979.